

Resenha Crítica: Separando Ciência e Moral no *Manual da Proéxis* de Waldo Vieira

Critical Review: Separating Science from Morality in the *Existential Program Manual* by Waldo Vieira

Resenha Crítica: Separando Ciencia y Moral en el *Manual de la Proexis* de Waldo Vieira

Anthony D'Andrea*

* Doutor em Antropologia. Pós-doutor em Sociologia. Autor dos livros *Global Nomads* (Routledge: London, 2007) e *O Self Perfeito e a Nova Era* (Loyola: São Paulo, 2000).

a-dandrea@uchicago.edu

Texto recebido para publicação em 17.02.12.

No esteio de mais de duas décadas de estudos projeciológicos, o *Manual da Proéxis: Programação Existencial* (1997, relançado eletronicamente em 2011), oferece uma síntese original da prática espiritualista examinada pelo autor Waldo Vieira através de uma ótica existencialista e paracientífica da consciência. Ainda que seja um “manual” aplicativo, a obra se ancora em conceitos e princípios básicos da Conscienciologia discutidos de forma interessante mas dificultada por um estilo redacional formalista e sintético. Esta resenha sumariza os principais avanços e problemas contidos na sistematização da proéxis por Vieira.

O termo proéxis é abreviação de *programação existencial*, processo de desenvolvimento do indivíduo planejado antes do nascimento físico (p. 9). Subentende-se assim, a noção de reencarnação, através da qual a consciência gradualmente desenvolve a sua desperticidade e versatilidade (“lucidez” e “maturidade” são equivalentes mais comumente usados por Vieira no passado). Como desafios impostos pela reencarnação, Vieira relaciona as várias formas de determinismo (biológico, psicológico, grupal, social, cultural e ambiental) que constroem a consciência em sua trajetória. Entretanto, ele ressalta que o determinismo resultante é “básico, porém relativo”, pois pode ser superado através do esforço volitivo da consciência. O otimismo de Vieira advém das possibilidades de crescimento proporcionadas pela modernidade. Segundo ele, o atual contexto histórico gera condições mais favoráveis para a aceleração evolutiva. Com base nessa introdução geral, Vieira passa a relacionar os principais tipos, mecanismos e instrumentos da proéxis.

Uma das contribuições mais originais do *Manual* reside no alicerce filosófico e universalista da proéxis: o “atacadismo consciencial” definido por Vieira como “filosofia pessoal ou prática ideal para a execução da proéxis”, a “diretriz de atos conscienciais sadios” (p. 45, 46). Essa saúde consciencial se estabelece pelo alinhamento coerente dos pensamentos, sentimentos, energias e ações da consciência (em estilo “ortopensênico”), sendo possibilitada pela “tridotação consciencial” do indivíduo: “a intelectualidade, o parapsiquismo e a comunicabilidade, *nesta ordem*” (p. 84). A expressão marcada em itálico pelo resenhista não é gratuita. Reconsiderando a primazia radical conferida ao plano espiritual, Vieira concede que atributos psicológicos, cognitivos e intelectuais são tão (ou mais) indispensáveis ao desenvolvimento consciencial. Ainda que o autocontrole bioenergético seja chave no processo evolutivo, Vieira sugere que apenas um quarto dos esforços pessoais se concentrem no campo espiritual propriamente dito (p. 47).

Outra grande contribuição do *Manual* advém do acento existencialista e humanista que Vieira confere ao modelo da proéxis. (Deve-se ressaltar que ele não menciona tais filosofias). Em contraste com o viés fatalista de visões tradicionais, Vieira valoriza a capacidade humana para superar as dificuldades impostas pelo ambiente: “a façanha máxima do executor da proéxis é transcender as forças que modelam a sua vida intrafísica” (p. 141). Mas não se trata de individualismo egoísta cultivado através do virtuosismo narcisista do sujeito. Pelo contrário, Vieira reafirma a importância do assistencialismo e da sociabilidade como expressões práticas da conduta ética (cosmoética). “As consciências mais livres são escravas da cosmoética” (p. 83), afirmação de teor sartreano relacionada à pragmática conscienciológica.

Contudo, o *Manual* da Proéxis também contém pontos problemáticos em forma e substância. A análise crítica a seguir se inspira no “binômio admiração-discordância” (p. 78) notado por Vieira em sua análise da dissidência (sendo ele mesmo expressão de fissuras no movimento Kardecista). Segundo Vieira, “o dissidente não é nosso inimigo, mas uma consciência que discorda democraticamente de nossas ideias, um posicionamento natural que devemos respeitar. (...) Cosmoeticamente, dissidências ideológicas não devem abalar a verdadeira amizade” (p. 76, 77). Tal postura abre espaço reconciliador nas trincheiras por vezes acirradas que dividem as comunidades paracientíficas.

O problema principal do *Manual* reside no uso contraditório da abordagem científica. Por um lado, Vieira afirma que o racionalismo científico é superior à arte e à religião no entendimento de processos conscienciais. Por outro, protocolos básicos da ciência são ignorados: estão ausentes desta obra quaisquer revisões bibliográficas, referências autorais, considerações metodológicas, ou elaborações empíricas completas. Consequentemente, desenvolvimentos analíticos no *Manual* são frequentemente insuficientes, baseando-se mais no viés valorativo de Vieira expresso em afirmações empiricamente questionáveis, tais como, supostamente: o determinismo biológico da mulher, o desequilíbrio emocional de homossexuais, o suicídio elevado de artistas, a superioridade evolutiva da cidade, além de listas esdrúxulas apresentadas através do livro.

Como decorrência, o *Manual* se caracteriza pela ênfase *prescritiva* da proéxis, ao invés de uma abordagem adequadamente *descritiva-preditiva*. A vacilação entre prescrição e análise é comum nas paraciências, mas na Conscienciologia assume um grau elevado. O porquê de conscienciólogos terem dificuldade em separar ciência e moral foge ao escopo desta resenha mas pode ser brevemente sugerido: historicamente influenciada por culturas tecnocráticas e evolucionistas impulsionadas por elites brasileiras modernistas, a Conscienciologia se baseia no racionalismo disciplinar do indivíduo atrelado a uma visão linear de progresso. No *Manual*, este moralismo positivista se manifesta em distintos planos:

1. Na crença da superioridade da ciência sobre a arte e a religião, quando, de fato, cada esfera funciona através de lógicas distintas e incomparáveis mesmo que interatuantes.
2. Na terminologia tecnicista *sui generis* que resulta em crescente hermetismo técnico cacófono e funcionalmente desnecessário.
3. No utilitarismo como padrão valorativo básico da proéxis: hábitos e atos que não contribuam com o produtivismo contábil dos “pensenes” são dispensados ou mesmo negativamente valorizados.
4. No elitismo espiritual inadvertidamente reforçado através de exercícios de “autodefesa”, promovendo a separação entre conscienciólogos e “comatosos evolutivos”.

Considerando-se os dois lados da moeda, conclui-se que o *Manual da Proéxis* representa uma contribuição importante a modelos de prática espiritualista intensa. Como solução ao prescritivismo imposto sobre a discussão da proéxis, é interessante notar que teorias do desenvolvimento estão também presentes na Psicologia, Economia e Antropologia, nas quais a ênfase reside no descritivo, no analítico e no preditivo.

Nessas disciplinas, avaliações prescritivas são feitas moderadamente, e geralmente como considerações cautelares sobre possíveis consequências advindas de escolhas diferentes.

Ainda que a separação entre fato e valor seja absolutamente impossível, esse esforço traz vantagens do ponto de vista analítico e prático. Até que conscienciólogos aceitem confrontar tal desafio, essa paraciência se caracteriza mais como gnose que ciência (“sofia” ao invés de “logia”). Enfim, em nota final (prescritiva), a Conscienciologia necessita incorporar cientificidade em sua infraestrutura: mais descrição, análise e teste por parte de um contingente maior de conscienciólogos são condições para o aprimoramento de um modelo de desenvolvimento (ou “programação”) existencial. Ademais de protocolos básicos da ciência convencional a serem levados a sério, a Projeciologia deve ser coletivamente recuperada como base metodológica e prática para o avanço da Conscienciologia.